

Vagner Ôkè e Daiana Brandão

IANSA

A MÃE DA SORTE GRANDE

Aprenda com os Orixás
as leis para superar
dificuldades e atrair
sucesso para sua vida

academia

Vagner Ôké e Daiana Brandão

IAN SÃ, A MÃE DA SORTE GRANDE

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Vagner Ôkè e Daiana Brandão, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

Preparação: Tamiris Sene

Revisão: Juliana Cury e Luana Negraes

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Fabio Oliveira

Ilustração de capa: Ilustrablack / OIO, agência de ilustração

Ilustrações de miolo: Mateus Andre / Magnific, Sketchepedia /

Magnific, rawpixel.com / Magnific, orchidart / Magnific e

magnific / Magnific

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ôkè, Vagner

Iansã, a Mãe da sorte grande / Vagner Ôkè, Daiana
Brandão. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

160 p.

ISBN: 978-85-422-4479-3

1. Religiões africanas 2. Desenvolvimento pessoal
3. Espiritualidade I. Título II. Brandão, Daiana

26-4315

CDD 299

Índice para catálogo sistemático:

1. Religiões africanas



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

fale conosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

PREFÁCIO, POR DANDARA SUBURBANA 11

APRESENTAÇÃO – A GUERREIRA
MAIS VALENTE DAS YABÁS 17



CAPÍTULO 0 O RETRATO DE JOANA..... 19

CAPÍTULO 1 O CACHORRO-QUENTE
E O REENCONTRO..... 23

CAPÍTULO 2 PRIMEIRA LEI DA SORTE GRANDE:
EXERCITAR A PACIÊNCIA 31

CAPÍTULO 3 SEGUNDA LEI DA SORTE GRANDE:
TER DETERMINAÇÃO 39

CAPÍTULO 4 TERCEIRA LEI DA SORTE GRANDE:
SE ESCOLHER..... 47

CAPÍTULO 5 QUARTA LEI DA SORTE GRANDE:
AUTORRESPONSABILIDADE
E FIM DO PAPEL DE VÍTIMA..... 59

CAPÍTULO 6 QUINTA LEI DA SORTE GRANDE:
LEALDADE ESSENCIAL
(OU LEI DA NÃO ANULAÇÃO) **69**

CAPÍTULO 7 SEXTA LEI DA SORTE GRANDE:
EQUILÍBRIO EMOCIONAL (OU
LEI DO EQUILÍBRIO NO CAOS)**79**

CAPÍTULO 8 SÉTIMA LEI DA SORTE GRANDE:
TRANSMUTAÇÃO DO MEDO **91**

CAPÍTULO 9 OITAVA LEI DA SORTE GRANDE:
GENEROSIDADE E MATURIDADE ... **99**

CAPÍTULO 10 NONA LEI DA SORTE GRANDE:
CLAREZA SILENCIOSA..... **111**

CAPÍTULO 11 DÉCIMA LEI DA SORTE GRANDE:
CONSCIÊNCIA DE ORÍ **123**

CAPÍTULO 12 OYÁ, A MÃE DA SORTE GRANDE **139**



FIM (OU RECOMEÇO)..... **151**

AGRADECIMENTOS..... **153**

~~~~~  
CAPÍTULO 0  
~~~~~

O RETRATO DE JOANA



Joana era o que as tias da vizinhança chamavam de “negona de fundamento”.

Aos trinta e sete anos, sua pele preta tinha o vigor de quem bebia água e o brilho de quem não se escondia do sol. Não era uma beleza estática, de vitrine; era uma beleza em movimento. Quando ela caminhava, parecia que o ar ao redor dela se deslocava para abrir espaço.

Seu cabelo era um mapa de resistência: nagô impecável, trançado rente ao couro cabeludo em linhas que pareciam caminhos de liberdade, terminando em um coque alto que lhe dava a postura de uma verdadeira rainha. No pescoço, não usava joias de ouro chamativas, mas um fio de contas de Oyá muito brilhante, vermelho-coral, que ficava escondido sob a gola da camisa de seda branca. O perfume? Ficava no ambiente muito depois de ela sair. Tinha uma nota amadeirada, que lembrava sutilmente o cheiro de terra molhada.

Joana já era a mãe de seus irmãos antes mesmo de deixar de ser criança. Criada em uma comunidade no Rio de Janeiro, ela aprendeu a ler sob a luz de velas, quando a energia era cortada, e a estudar com o barulho dos tiros ao longe, abafados pelas cantigas de sua avó.

Sua avó Alzira era a coluna vertebral da família. Uma mulher que “fazia de um limão uma limonada e do bagaço o adubo”. Joana guardava na memória as mãos da velha: grossas de tanto esfregar chão de madame e queimar os dedos na chapa de salgados, mas macias o suficiente para curar qualquer medo com um cafuné. Joana não conheceu o pai, ele era apenas uma ausência preenchida por trabalho. A mãe partiu cedo,

deixando o peso da sucessão nos ombros da filha, a neta mais velha da dona Alzira.

Hoje, Joana é diretora-executiva em uma estatal. Ela ocupa salas com ar-condicionado central e carpetes que encobertam o som dos passos. Mas, por dentro, ela ainda é a menina que precisava entrar pela porta de serviço, com a instrução de “não fazer barulho para não incomodar os patrões”.

Joana é, ao mesmo tempo, a mulher que segura uma bolsa que vale meses de aluguel na favela e a neta que ainda sente o cheiro de gordura da fritura da avó em cada esquina.

É sobre a contradição e a ambiguidade dessa mulher que vamos ventar.

~~~~~  
CAPÍTULO 1  
~~~~~

O CACHORRO- -QUENTE E O REENCONTRO



O sol de meio-dia no Rio de Janeiro não pedia licença, ele ditava o ritmo da cidade. Joana, contudo, caminhava pelo asfalto quente como se as ruas fossem extensões da própria casa. Embora tivesse acabado de sair de uma reunião tensa na diretoria, seu rosto não transparecia cansaço. O coque alto, a roupa de

seda branca e o salto de solado vermelho eram sua armadura silenciosa.

Ela, então, parou na barraquinha de cachorro-quente do seu Tião. Era seu ritual de pé no chão. Ali, o cheiro de molho e o estalo da salsicha na chapa eram o portal que a mantinha conectada à dona Alzira, sua avó.

— O mesmo de sempre, seu Tião — pediu ela, com um sorriso que preenchia o lugar inteiro.

— Com todo o axé, dona Joana! — respondeu o vendedor.

Seu Tião sabia quem era Joana, sabia de onde ela tinha saído. Por isso, ele a tratava com o respeito que se dedica às rainhas que não se esquecem de onde vieram.

Foi então que, minutos depois, o passado tosiu perto dela.

Um homem alto, magro, com o rosto marcado por uma fadiga que o sono não curava, a observava. Era Jair. O herdeiro da mansão em que Joana fora “confinada” ao silêncio. Ele a olhou de cima a baixo, tentando encaixar a memória daquela criança refugiada no quartinho dos fundos com a mulher que agora exalava um perfume que custava mais que o aluguel dele.

— Pera... Acho que te conheço.

— Jair? — respondeu Joana em tom firme, digno de uma pessoa que tem memória e intuição e que não se esquece de ninguém que passa por sua vida.

— É você mesma? — Jair gaguejou, o olhar perdido entre a admiração e a confusão. — Você está... importante. Trabalha aqui na estatal como secretária?

O mundo parou por alguns segundos. Joana sentiu o vento de Oyá soprar de leve em sua nuca. O preconceito de Jair era como a poeira da rua: estava em todo lugar, mas ela já tinha aprendido a varrer.

— Não, Jair. Eu sou a diretora-executiva. Eu não anoto os compromissos, eu decido quais deles valem o meu tempo.

O silêncio que se seguiu foi cortado apenas pelo toque do celular. A reunião seguinte de Joana havia sido cancelada. Três horas de presente. Ela olhou para Jair, outrora o menino que tinha o mundo aos pés, hoje um homem que parecia uma folha seca arrastada pelo vento.

Joana sentiu que deveria conversar com ele. Não para confrontar o racismo escancarado que acabara de experienciar, mas para colocar cada informação em seu lugar.



Devota de Exu, Joana sabe que é preciso ser paciente, tolerante e exercer o bom diálogo se quiser continuar exalando a potência de uma verdadeira rainha.

— Senta aqui, Jair. Me conta sua história.

Jair despejou sua história como quem sangra. Falou do pai rígido, da medicina imposta, da clínica que ruiu sob má gestão e das traições que sofreu. Ele falava de azar, de madrastas cruéis e de falta de oportunidades. Para Jair, a vida era uma sucessão de eventos injustos.

Joana ouvia, sentindo a ambiguidade da própria vida. Ela, que não teve pai, que perdeu Alzira cedo e precisou criar quatro irmãos praticamente vendendo o almoço para comprar o jantar, o ouvia reclamar de uma estrutura que ela nunca teve o luxo de acessar. Jair teve “sorte”, mas não soube o que fazer com ela.

— Eu não entendo, Joana... — disse ele, com o olhar perdido na calçada. — Eu tive tudo para dar certo e nada flui. Parece que os caminhos estão trancados. Você... você deu sorte.

Joana deu uma última mordida no lanche, limpou os lábios com a elegância de quem sabe o

valor de cada gesto e olhou profundamente nos olhos de Jair.

— Sorte, Jair? A sorte é um sopro que passa e não avisa. O que eu tenho é outra coisa.

Ela se inclinou para a frente, e a voz ficou mais baixa, visceral como o som de um trovão à distância.

— Eu realmente acho que você é um sujeito de sorte porque hoje, diferentemente dos demais dias, estou com um pouco mais de tempo.

“Como bem sabe, eu não venho de uma família de herdeiros, mas minha vó Alzira me deixou uma herança de valor inestimável: primeiro, a fé em Iansã, minha Orixá de cabeça, e na minha Pombagira, dona 7. E segundo: a possibilidade de aprender com elas como construir a minha sorte.

“Você já ouviu falar em Iansã, Oyá?”

— Não conheço — respondeu Jair, sem mostrar muito interesse.

— Apreendi com minha vó, por meio do que ela aprendeu no terreiro, os ensinamentos de Oyá que me ajudaram a entender o que era sorte grande e como ter isso cada vez mais. O que minha vó me ensinou mudou minha vida. Sempre que estou triste, abatida e desesperançosa, eu me lembro de tudo que ela me contava, das rezas

que fazia pra Iansã, e isso me dá forças. Graças a Oyá, eu cheguei ao ponto em que estou hoje.

Joana continuou falando enquanto Jair ficava calado, desviando o olhar sempre que ela tentava encará-lo.

— Talvez depois dos trinta, e de certas experiências, as pessoas não queiram ouvir histórias, mas sempre é bom escutar algo. A gente nunca sabe quando Deus vai usar as pessoas pra falar com a gente, não é mesmo? Você diz que seus caminhos estão trancados. Se você estiver disposto, eu posso te contar como eu abri os meus e quais são as receitas que qualquer pessoa pode seguir, inclusive quem não é macumbeiro.

Enquanto Jair permaneceu quieto, a mulher seguiu falando:

— O que eu aprendi com Oyá ajudou muitas pessoas, não só a mim. Inclusive no meu trabalho, sem nem as pessoas saberem que é ela quem está por trás. Muita gente passou por mim esses anos todos, aplicou tudo o que eu aprendi, e muitas pessoas mudaram sua vida profissional, financeira e até amorosa. Hoje elas sabem diferenciar o que é sorte e sorte grande.

Mais animado e um tanto curioso, Jair finalmente respondeu:

— Tá bom. Me conte o que é essa tal de sorte grande.

Joana respirou fundo e explicou:

— Quando sua família te proporcionou tudo, posso dizer que você, sim, teve sorte, porque cresceu em um ambiente que facilitou suas conquistas. Como essa sorte não dependeu de você, ela foi embora. Comigo já foi bem diferente: eu me dediquei a criar a minha sorte grande. A sorte sozinha não depende de você. Já a sorte grande, sim, por isso ela é nossa de verdade, porque nasce dentro de nós, e assim é chamada de grande. Aquilo que é grande toma proporções inimagináveis.

— Você está me dizendo que sorte realmente não existe? — questionou Jair.

— Claro que existe! Mas ela não é acessível a todos. E, mesmo que esteja disponível, logo ela acaba. Você sabia que noventa por cento das pessoas que acertam na loteria não demoram mais de dez anos para perder tudo e voltar ao que eram antes? A sorte grande é o contrário! Ela é real porque você a constrói. Ela é boa e verdadeira.

— Por que verdadeira? Não tô entendendo — retrucou ele.

— Sou uma mulher prática. Você quer ouvir o que eu tenho pra falar ou não?

Jair ficou em dúvida, mas acabou percebendo que não perderia nada em ouvir aquela mulher preta que venceu na vida e no momento estava ali, em uma posição social que um dia foi sua. Também pensou que seria interessante saber um pouco mais de Orixás – afinal era cristão, tinha algumas curiosidades e dúvidas que sempre lhe visitavam.

— Tá bom, então. Me conte tudo – concordou por fim.

Costumamos entender a sorte como um mero fruto do acaso, imprevisível e incontrolável. Mas o que acontece quando criamos as condições necessárias para que ela se concretize? Neste livro inspirador, acompanhamos a trajetória de Joana, que, guiada pela força de Iansã, a senhora dos ventos e das mudanças, vai mostrar que a sorte grande pode resultar, sim, de tudo aquilo que plantamos pelo caminho.

Entre reflexões profundas e experiências marcantes, *Iansã, a Mãe da sorte grande* conduz o leitor por uma jornada de força, reencontro, mistério e ancestralidade, convidando-o a atravessar cada página como quem enfrenta os ventos do destino: aberto ao inesperado, ao aprendizado e às transformações que a vida nos coloca. Eparrei, Oyá!

“*Iansã, a Mãe da sorte grande* é um oráculo precioso de como não abandonar a si mesmo diante das tempestades da vida, até porque no mar bravo também tem mãe e uma penca de peixes que nos sustentam.”

Dandara Suburbana, historiadora,
escritora, socióloga e filha de Xangô

“O vento de Oyá não sopra para separar, mas para disseminar. Este livro é um sopro de Iansã que nos lembra de que ser de Orixá é reconhecer a força ancestral que habita em nós. E talvez seja justamente essa a nossa verdadeira sorte grande.”

Îyá Valéria, sacerdotisa do
Terreiro Aldeia Tupinambá

📖 planetadelivrosbrasil
📖 planetadelivrosbrasil
📖 seloacademia
📖 planetadelivrosbrasil
🌐 planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros

academia



9 788542 244793